

Lançamento do Manual de Catequética celebra primeira publicação genuinamente brasileira sobre o tema



O estudo sobre a catequese agora tem uma fonte genuinamente brasileira. Essa foi a percepção mais celebrada durante o lançamento oficial do Manual de Catequética, na noite de quarta-feira, 15 de outubro, na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O material preparado pela Sociedade Brasileira de Catequetas (SBCat) e publicado pela Edições CNBB oferece fundamentos teológicos, pedagógicos e espirituais para que dioceses, paróquias e catequistas possam anunciar o Evangelho com mais vigor e coerência.

O bispo auxiliar de Brasília (DF) e secretário-geral da CNBB, dom Ricardo Hoepers, disse ser uma bênção e um orgulho o lançamento da obra que traz à Igreja no Brasil a reflexão sobre a prática da catequese. “Tivemos obras maravilhosas, mas vindas de fora. Agora, nossa alegria, nosso orgulho, nossa satisfação é dizermos que nós pudemos produzir, a partir da nossa experiência, do nosso aprofundamento, da nossa Teologia, da nossa compreensão cultural e de tudo aquilo que significa cada diocese, cada paróquia uma reflexão que é brasileira. É um grande passo”, disse.

Segundo padre Jânison de Sá, subsecretário adjunto de Pastoral da CNBB e presidente da SBCat, havia no Brasil a obra do salesiano espanhol Emilio Alberich, traduzida do italiano e outra produzida pelo Conselho Episcopal Latino Americano (Celam) há cerca de 20 anos. Agora, genuinamente brasileiro, o texto será útil para futuras pesquisas e estudos dos diferentes cursos de pós-graduação, especializações, graduação em Teologia, e nas escolas de formação de catequistas em diferentes níveis.

Durante sua apresentação, ele destacou que a catequética é o estudo sobre a catequese, enquanto o termo catequese se refere à prática da educação na fé.

Renovar a prática catequética

Em mensagem em vídeo, o arcebispo de Santa Maria (RS) e presidente da Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, dom Leomar Antônio Brustolin, disse que a publicação é “fruto maduro do trabalho conjunto de muitas mãos e corações dedicados à missão de educar na fé”. Foram 23 autores que trabalharam nos últimos dois anos na produção do livro.

“Este texto nasce do desejo de renovar a prática catequética, inspirando-se nas fontes da tradição e respondendo aos desafios do nosso tempo. Ele quer ajudar as nossas comunidades e nossas lideranças a compreender que a fé não é apenas um conjunto de ideias, mas um caminho de discipulado, vivido na Palavra, na celebração e no testemunho de caridade”.



Caminho da sinodalidade

Uma das organizadoras e autoras do manual, a irmã Sueli da Cruz Pereira, coordenadora científica da SBCat, explicou que os 24 capítulos foram divididos em três partes, refletindo o caminho da sinodalidade da Igreja: a comunhão, a participação e a missão.

Os primeiros capítulos remetem à comunhão, segundo a irmã, e tratam do conceito da Catequese na missão de transmissão da fé e a relação com as fontes essenciais da Igreja: a Sagrada Escritura, a Tradição e o magistério. São incluídas como fontes nessa reflexão a liturgia e a beleza. “Nessa profunda comunhão com a Igreja, que caminha buscando essa sintonia a partir das suas fontes, a Catequese também bebe dessas fontes”.

Já a segunda parte vai tratar da participação, tendo a Catequese dentro da participação eclesial a partir da sua história geral e no Brasil, e a proposta da atualidade da Catequese com inspiração catecumenal.

A terceira parte, relacionada à missão, aborda temas específicos, principalmente sobre a formação dos catequistas, e alguns temas pastorais, como a catequese nessa relação com outras temáticas, como ecologia, cultura digital, esperança.

“É um manual muito aberto em suas temáticas, mas que tenta aprofundar aquelas que são principais, que são base para um catequista hoje”, explicou irmã Sueli.

Ela ressalta que a importância do manual está em oferecer uma base metodológica, pedagógica, teológica, pastoral, espiritual para que os catequistas tenham os fundamentos necessários para a sua missão. E esclareceu que, no manual, não serão encontradas propostas ou o tão conhecido “como fazer”.

“Na verdade, o manual não quer ser essa receita de como fazer, mas uma receita de uma forma que o conteúdo ajude numa reflexão para que a catequese realmente tenha uma base, tenha seus fundamentos assim como a Igreja propõe hoje”, disse.



Público-alvo

O assessor da Comissão para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, padre Wagner Carvalho, apresentou o público a quem se destina a publicação. Nascido do desejo de servir a toda a comunidade eclesial, tem especial atenção aos catequistas, às lideranças de pastorais, mas também aos ministros ordenados.

“Todos esses sujeitos são, de seu modo específico, naquilo que é próprio de cada um, sujeitos da ação evangelizadora e catequética da nossa Igreja. Então, o Manual quer oferecer a cada um desses sujeitos um instrumento de reflexão, formação e aprofundamento teológico, catequético e pastoral”.

Padre Wagner também explicou que o manual foi estruturado para ajudar nas casas de formação, nas faculdades, nos institutos, nas pós-graduações com três finalidades bem definidas: recolocar a catequética como ciência; ser um manual que reflete a partir da realidade brasileira; e ser um ponto de partida para auxiliar professores e estudantes na construção de uma reflexão sólida e atual, fiel à tradição viva da Igreja, mas também atenta às exigências do nosso tempo.

Fonte: CNBB

1º dia de trabalho do Confiar e Proformar é marcado por reflexão sobre o Plano Trienal e almoço na Nunciatura Apostólica

Por Neusa Santos



Após a Celebração Eucarística, dinamizada pelas Irmãs Rosa Elena, Marizete e Alecssandra, o encontro de formação teve início com a abertura oficial da Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional), Irmã Maria Disterro Rocha, que acolheu a todos com alegria, juntamente com alguns membros da Diretoria. Após as palavras de boas-vindas, a Presidente passou a palavra às Irmãs Neusa Santos e Rosane Steffenon, responsáveis pela dinamização do dia, dando início às atividades.

O encontro favoreceu o aprofundamento do carisma da unidade na diversidade, compreendido como dom do Espírito Santo, que não é fruto de estratégias humanas, mas expressão da graça divina.



A cooperação entre as diferentes regionais revela o rosto de uma Vida Religiosa sinodal, na qual todos caminham juntos, partilhando responsabilidades, sonhos e esperanças. A Trindade Santa foi apresentada como o maior ícone da unidade na diversidade: Pai, Filho e Espírito Santo, distintos, mas inseparáveis, vivem em constante relação de amor e reciprocidade. Essa comunhão trinitária inspira e sustenta a vivência fraterna e a missão evangelizadora.

Em continuidade, foram apresentados o Horizonte e os Eixos do Plano Trienal da CRB Nacional, que têm como inspiração o Seguimento de Jesus Cristo, a Sinodalidade e a Missão Comum. Esses eixos foram aprofundados e trabalhados em grupos, favorecendo um momento de rica partilha de experiências, desafios e esperanças. As reflexões possibilitaram compreender mais profundamente o chamado à

comunhão, à corresponsabilidade e ao compromisso com a missão evangelizadora e a vida consagrada no Brasil.

A comunhão entre os membros fortalece a missão, tornando o testemunho mais coerente e transformador. Na partilha fraterna, colocamos em comum nossos dons, desafios e alegrias, fortalecendo os laços de fraternidade e compromisso. Por meio da vida comum, manifestamos ao mundo a unidade em Cristo, tornando-nos presença viva do Evangelho e sinal visível da ação do Espírito no meio de nós.



Após esse momento de reflexão e convivência, os participantes foram acolhidos para um almoço fraterno na Nunciatura Apostólica, a convite de Dom Giambattista Diquattro, Nunciato Apostólico no Brasil. O encontro foi marcado pela acolhida calorosa e pela partilha fraterna, fortalecendo ainda mais os laços de comunhão eclesial e de missão conjunta em favor da Vida Religiosa Consagrada.

Após a socialização dos trabalhos em grupo, o dia foi encerrado com uma oração dinamizada pela Regional Sul, momento de gratidão e entrega, que expressou a alegria de caminhar juntos como irmãos e irmãs consagrados(as), unidos pelo mesmo Espírito e pela mesma missão.

Fonte: CRB

Papa Leão XIV na FAO: vencer a fome é semear a paz

Durante a celebração dos 80 anos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), o Papa exortou líderes e nações a renovar o compromisso com a Agenda Fome Zero e com a segurança alimentar global. O Pontífice destacou que a luta contra a fome “é uma batalha de todos” e advertiu: “os slogans não tiram ninguém da miséria”.

Thulio Fonseca - Vatican News



O Papa Leão XIV deixou o Vaticano na manhã desta quinta-feira, 16 de outubro, e dirigiu-se à sede central da FAO, em Roma, para participar da cerimônia do Dia Mundial da Alimentação, que neste ano coincide com o 80º aniversário da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). A data é celebrada com o tema “De mãos dadas por uma alimentação e um futuro melhores”.

O coração do Papa e o chamado à fraternidade universal

Em seu discurso, o Papa expressou profundo agradecimento pelo convite e recordou que seus predecessores sempre mantiveram uma relação de estima e proximidade com a FAO, e declarou que visita esta instituição como arauto e servo do Evangelho, levando uma mensagem de esperança a todos os povos:

“O coração do Papa, que não pertence a si mesmo, mas à Igreja e, em certo sentido, a toda a humanidade, mantém viva a confiança de que, se vencermos a fome, a paz será o solo fértil do qual nascerá o bem comum de todas as nações.”

Leão XIV afirmou que, oitenta anos após a fundação da FAO, a consciência da humanidade deve novamente se deixar interpelar pelo drama da fome e da desnutrição, lembrando que esse problema não é responsabilidade exclusiva de governos, empresários ou líderes políticos. “Quem padece de fome não é um estranho. É meu irmão, e devo ajudá-lo sem demora”, declarou. Segundo o Papa, “vencer a fome é uma condição essencial para a paz e o desenvolvimento integral das nações”.



Papa: é preciso abandonar os slogans e partir para ações concretas contra a fome

Na mensagem enviada à 44ª Conferência da FAO, Leão XIV denuncia o uso da fome como arma de guerra, critica a polarização global e exorta a comunidade internacional a agir com ...

Fome: um escândalo que clama ao céu

Com voz firme e diante de uma grande assembleia composta de líderes políticos e agentes sociais, o Pontífice denunciou o escândalo de milhões de pessoas que ainda sofrem de fome em meio ao progresso tecnológico e científico. “Permitir que milhões de seres humanos vivam e morram vítimas da fome é um fracasso coletivo, uma aberração ética, uma culpa histórica.” Leão recordou que 673 milhões de pessoas no mundo vão dormir sem comer e que outras 2,3 bilhões não têm acesso a uma alimentação adequada: “Por trás de cada número há uma vida despedaçada, uma comunidade vulnerável; há mães que não podem alimentar seus filhos”, ressaltou.

O Papa também denunciou o uso do alimento como arma de guerra, condenando a prática que impede comunidades inteiras de terem acesso ao sustento. “A fome imposta é um crime contra a humanidade. O silêncio dos que morrem de fome grita à consciência de todos, mesmo que muitas vezes seja ignorado ou distorcido.” E com vigor profético, afirmou:

“A fome não é o destino do homem, mas a sua ruína. É um grito que sobe ao céu e exige resposta rápida de todas as nações, de todos os organismos, de cada pessoa.”



Papa Leão recebe os aplausos da assembleia da FAO (@Vatican Media)

Leão XIV convidou a humanidade a romper a indiferença e a agir de forma concreta. “Ninguém pode permanecer à margem dessa luta: é uma batalha de todos.” Segundo ele, o desperdício de alimentos é um insulto à dignidade humana. “Como podemos tolerar que toneladas de alimentos sejam jogadas fora, enquanto multidões buscam nos lixos algo para comer?”, questionou o Pontífice. “O mundo não

pode continuar assistindo a espetáculos tão macabros”, destacou o Santo Padre, é preciso pôr fim a isso o quanto antes:

“Os responsáveis políticos e sociais podem continuar polarizados, gastando tempo e recursos em discussões inúteis e virulentas, enquanto aqueles a quem deveriam servir continuam esquecidos e usados em nome de interesses partidários? Não podemos nos limitar a proclamar valores. Devemos incorporá-los. Os slogans não tiram ninguém da miséria. É urgente superar um paradigma político tão acirrado, baseando-nos em uma visão ética que prevaleça sobre o pragmatismo vigente, que substitui a pessoa pelo lucro. Não basta invocar a solidariedade: devemos garantir a segurança alimentar, o acesso aos recursos e o desenvolvimento rural sustentável.”

Do slogan à ação: solidariedade que se torna compromisso

Ao comentar o tema do Dia Mundial da Alimentação: “De mãos dadas por uma alimentação e um futuro melhores”, o Papa sublinhou que não basta promover ideais ou slogans: é preciso transformar palavras em gestos concretos. “Somente unindo as nossas mãos poderemos construir um futuro digno, onde a segurança alimentar seja reafirmada como um direito e não um privilégio.”

O Pontífice destacou também o papel essencial da mulher na luta contra a fome. “As mulheres são as primeiras a velar pelo pão que falta, a semear esperança nos sulcos da terra e a amassar o futuro com as mãos calejadas pelo trabalho.” Reconhecer e valorizar esse papel, disse ele, “não é apenas uma questão de justiça, mas uma garantia de um modo de vida mais humano e sustentável.”



Papa durante sua visita (@Vatican Media)

A omissão nos torna cúmplices

Por fim, o Papa defendeu o fortalecimento do multilateralismo e da cooperação entre as nações, especialmente em favor dos mais pobres. “Os países mais vulneráveis esperam ser ouvidos sem filtros, ter suas carências compreendidas e receber oportunidades reais, não soluções impostas de escritórios distantes.” Leão XIV lembrou que as consequências das injustiças recaem sobre toda a humanidade, e citou os povos que sofrem em regiões marcadas por guerra e pobreza, como Ucrânia, Gaza, Haiti, Afeganistão, Mali, República Centro-Africana, Iêmen e Sudão do Sul. “A comunidade internacional não pode virar o rosto. Devemos assumir a dor deles como nossa.” O Papa exortou a todos a não se acostumarem à fome como um “ruído de fundo” do mundo contemporâneo: “Com nossa omissão, tornamo-nos cúmplices da injustiça.”

Dai-lhes vós mesmos de comer

Encerrando sua visita, Leão XIV invocou a bênção de Deus sobre os funcionários da FAO e sobre todos os que trabalham em favor da segurança alimentar e da justiça social. “A fome tem muitos nomes e pesa sobre toda a família humana. Todo ser humano tem fome não apenas de pão, mas também de fé, de esperança e de amor.” E recordando o Evangelho, concluiu:

“O que Jesus disse aos seus discípulos diante da multidão faminta permanece um desafio atual para o mundo: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’. Não se cansem de pedir a Deus coragem e energia para continuar trabalhando por uma justiça que produza frutos duradouros e benéficos. Ao prosseguirem seus esforços, vocês sempre poderão contar com a solidariedade e o empenho da Santa Sé e das instituições da Igreja Católica, que estão prontas para sair e servir os mais pobres e desfavorecidos em todo o mundo.”



Leão XIV na sede da FAO em Roma (@Vatican Media)

Fonte: Vatican News

Leão XIV: no encontro com os Povos Originários, descobrir a vida abundante de Cristo

Em mais uma oportunidade em que a Igreja procura escutar e se enriquecer com as vozes singulares, o Celam promove o Jubileu Virtual dos Povos Originários da América Latina e do Caribe que ganhou mensagem do Papa. Leão XIV ajudou a refletir sobre "a longa história de evangelização", vivida com "luzes e sombras", e o Jubileu sendo um "tempo precioso para o perdão" e de reconciliação com a própria história: "só poderemos ser Povo se nos abandonarmos ao poder de Deus", "no diálogo e no encontro".

Andressa Collet - Vatican News



O Papa Leão XIV enviou uma mensagem nesta quinta-feira (16/10) aos participantes do Jubileu Virtual dos Povos Originários da América Latina e do Caribe no seu último dia de encontro. A iniciativa de três dias está reunindo inclusive bispos, padres, religiosos e agentes pastorais que compartilham a vida com as comunidades indígenas. Com o tema "Povos originários, fonte de esperança para o mundo", cada dia do evento tem sido dedicado a uma população específica: primeiro aos jovens, depois às mulheres e nesta quinta-feira (16/10) aos idosos, respeitando a "universalidade da Igreja", disse Leão XIV ao citar o Papa Francisco sobre a intenção dos momentos jubilares que procuram manifestar as tantas vocações, idades e situações de vida na Igreja e na sociedade: uma universalidade "que não uniformiza, mas acolhe, dialoga e se enriquece com a diversidade dos povos, inclui de modo especial vocês, os Povos Originários, cuja história, espiritualidade e esperança constituem uma voz insubstituível dentro da comunhão eclesial".

A mensagem na íntegra de Leão XIV

O Jubileu é tempo precioso ao perdão

O evento virtual, organizado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam) neste Ano Santo, então, é uma "ocasião de reconciliação" e de "esperança compartilhada", escreveu o Pontífice em espanhol, "para aprofundar o significado do dom que o Senhor nos concede através de sua Igreja". O Jubileu, assim, enfatizou Leão XIV, é "mais do que uma mera celebração externa"; atravessar

a Porta Santa é "mais do que realizar um gesto simbólico", é nos introduzirmos, como "um Povo de irmãos", "por meio da fé, na própria fonte do amor divino".

Essa perspectiva, continuou o Papa, ajuda a refletir sobre "a longa história de evangelização que nossos Povos Originários conheceram, como tantas vezes ensinaram os bispos da América Latina e do Caribe, está repleta de 'luzes e sombras'". Mas o Jubileu, "tempo precioso para o perdão, nos convida a 'perdoar de coração nossos irmãos', a nos reconciliarmos com nossa própria história".

"Desse modo, reconhecendo tanto as luzes como as feridas do nosso passado, compreendemos que só poderemos ser Povo se nos abandonarmos verdadeiramente ao poder de Deus, à sua ação em nós."

Por isso, continuou o Papa na mensagem, "no diálogo e no encontro, aprendemos com as diferentes maneiras de ver o mundo, valorizamos o que é próprio e original de cada cultura e, juntos, descobrimos a vida abundante que Cristo oferece a todos os povos", que devem "apresentar com coragem e liberdade a sua própria riqueza humana, cultural e cristã". E o evento virtual do Celam, reforçou Leão XIV, procura aprofundar essas questões através de uma Igreja que "escuta e se enriquece com as vozes singulares", recordando também do apelo do Evangelho em "evitar a tentação de colocar no centro aquilo que não é Deus — seja o poder, a dominação, a tecnologia ou qualquer realidade criada —, para que o nosso coração permaneça sempre orientado para o único Senhor, fonte de vida e esperança".

"Por isso, para aqueles que, pela misericórdia de Deus, nos chamamos e somos cristãos, todo o nosso discernimento histórico, social, psicológico ou metodológico encontra o seu sentido último no mandato supremo de dar a conhecer Jesus Cristo, que morreu para o perdão dos nossos pecados e ressuscitou para que sejamos salvos em seu Nome."

Siga o evento ao vivo

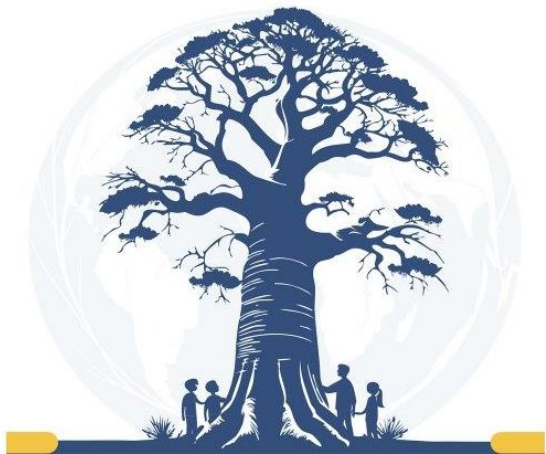
O evento virtual temático está sendo organizado pela Equipe Consultiva em Teologia Indígena, em coordenação com a Pastoral dos Povos Indígenas do Celam e a Articulação Ecumênica Latino-Americana da Pastoral Indígena (Aelapi). A programação do último dia do Jubileu Virtual dos Povos Originários da América Latina e do Caribe pode ser acompanhada via streaming através do Zoom ou pelo canal do YouTube do Celam TV às 18h (horário da Colômbia).

Fonte: Vatican News

Tutela dos Menores: segundo relatório propõe medidas corretivas contra abusos

O documento publicado pela Pontifícia Comissão apresenta um manual com recomendações para uma "escuta informada" e para o apoio econômico, psicológico e espiritual às vítimas. Destaca a necessidade de uma comunicação mais transparente, de uma assunção pública de responsabilidade por parte da Igreja e de uma simplificação dos mecanismos de denúncia.

Edoardo Giribaldi – Vatican News



O logotipo do Relatório Anual sobre Políticas de Tutela na Igreja Católica

Um manual operacional, elaborado a partir da escuta de quem sofreu abusos. Estas diretrizes visam auxiliar as comunidades eclesiais na implementação de "medidas restaurativas", acompanhando passo a passo o processo de denúncia e buscando sua simplificação geral. Entre as recomendações: "escuta informada" inicial, acesso a informações sobre o caso e apoio financeiro, psicológico e espiritual. Tudo isso coadjuvado por declarações oficiais transparentes que "reconhecem o

dano causado" e assumem publicamente a responsabilidade. Uma "peregrinação perpétua", como definiu dom Thibault Verny — presidente da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores, nomeado pelo Papa Leão XIV em julho passado — a missão que se concretiza no *II Relatório Anual sobre Políticas de Tutela na Igreja Católica*, publicado nesta quinta-feira, 16 de outubro.

Escuta direta das vítimas e organizações não eclesiais

Assim como o I Relatório Anual, o estudo também foi elaborado em consulta com o Grupo de Escuta de Vítimas/Sobreviventes do Relatório Anual (*Annual Report Focus Group*) da Comissão. Elaborado de forma voluntária, o estudo foi selecionado com base em critérios de diversidade em termos de idade, gênero e origem étnica, abrangendo quatro regiões globais. Esses dados são complementados por pesquisas coletadas por organizações não eclesiais. As questões críticas identificadas incluem a "necessidade de uma Igreja mais atenta" e a "falta de estruturas claras para denúncia e assinalação".

Medidas reparadoras

A primeira parte do Relatório concentra-se em medidas reparadoras para vítimas de abuso, baseadas na "escuta informada" e proporcionais aos danos sofridos. O manual para comunidades locais apela principalmente à criação de "espaços seguros" onde vítimas/sobreviventes possam partilhar as suas experiências, inclusive diretamente com autoridades eclesiais. Explora o conceito de "reparação", que a Encíclica *Dilexit nos* destaca não apenas como "um dever individual, mas como uma responsabilidade partilhada por toda a comunidade — com exceção das vítimas/sobreviventes —, com o objetivo de promover um ambiente de cuidado e respeito mútuo". A Igreja é então chamada a emitir declarações oficiais "reconhecendo o dano causado" e assumindo publicamente a sua responsabilidade.

Apoio completo

Depois, o tema do apoio — articulado em diversas áreas — com o objetivo de fornecer aconselhamento profissional e apoio espiritual às vítimas/sobreviventes, "com atenção especial ao longo prazo". Isso acresce uma ajuda financeira adequada para as despesas incorridas em decorrência dos abusos, incluindo assistência médica e psicológica. O manual também prevê o fortalecimento da tutela das vítimas por meio da imposição de sanções significativas contra quem cometeu ou facilitou o abuso. As vítimas "não devem ser deixadas na incerteza quanto à assunção de responsabilidade dos autores dos abusos e daqueles que os facilitaram ou encobriram".

Transparência e conscientização

O Relatório enfatiza a necessidade "fundamental" de acesso à informação sobre o caso, um elemento essencial no percurso de cura, e apela à implementação de programas de conscientização destinados ao clero, aos religiosos e aos fiéis leigos, a fim de promover "um processo de cura coletiva".

Procedimentos simplificados e comunicação clara

Entre outras conclusões significativas, a Comissão reitera a importância de desenvolver um "procedimento simplificado" para a remoção de líderes eclesiais envolvidos em "ações administrativas passadas e/ou omissões que tenham causado mais danos às vítimas/sobreviventes". Recomenda também uma "comunicação clara" dos motivos das demissões ou remoções e uma avaliação eficaz dos progressos alcançados pelas Igrejas locais e ordens religiosas na implementação concreta de políticas de proteção. Para tal fim, propõe-se a criação de uma "rede acadêmica internacional" que envolva centros universitários católicos especializados em direitos humanos, prevenção de abusos e tutela, para coletar dados relevantes nos países objeto do Relatório.

Apoiar o "ministério da proteção"

Recomenda-se também a criação de um "mecanismo sistemático e obrigatório de denúncia/reclamação", que possa ser utilizado por diversos órgãos de proteção em nível local. A comunidade eclesial, observa o Relatório, tem a capacidade de "promover maior transparência e exercício de responsabilidade institucional", em linha com o pedido do Papa Francisco de fornecer "relatórios confiáveis sobre o que está acontecendo e o que ainda precisa mudar, para que as autoridades competentes possam agir". Por fim, reafirma-se o papel fundamental dos nuncios apostólicos nas Igrejas locais, que prestam apoio e orientação no "ministério da proteção".

As Igrejas locais examinadas

Na Seção 1, o Relatório examina as atividades de tutela das Igrejas locais em vários países, incluindo Itália, Gabão, Japão, Guiné Equatorial, Etiópia, Guiné (Conacri), Bósnia e Herzegovina, Portugal, Eslováquia, Malta, Coreia, Moçambique, Lesoto, Namíbia, Mali, Quênia, Grécia e a Conferência Episcopal Regional do Norte da África (que inclui Argélia, Marrocos, Saara Ocidental,

Líbia e Tunísia). Os dados baseiam-se na análise de informações coletadas por meio do processo *ad limina* da Comissão e complementadas por outras fontes.

O caso italiano

Na Itália, foram visitadas as dioceses de Lácio, Ligúria, Lombardia, Sardenha, Sicília, Emília-Romanha e Toscana. Ao longo dos anos, afirma o Relatório, houve progressos significativos no desenvolvimento de "instrumentos e políticas abrangentes" para prevenção e proteção. A Comissão reconhece o trabalho realizado pela Conferência Episcopal Italiana (CEI) na criação de um sistema multinível (nacional, regional, diocesano e interdiocesano) de "coordenação, formação e supervisão", com o objetivo de apoiar as igrejas locais com pessoal profissional e adequadamente formado. A Conferência relata a existência de 16 serviços regionais de proteção, 226 serviços diocesanos e interdiocesanos e 108 centros de escuta. Estes oferecem um serviço pastoral para acolher e receber denúncias. No entanto, alguns desafios permanecem: a Comissão observa que, embora algumas Igrejas locais tenham empreendido iniciativas pioneiras e colaborado com a sociedade civil, ainda existem "disparidades entre diferentes regiões" e a falta de um escritório centralizado para receber e analisar as assinalações, o que é necessário para garantir uma gestão uniforme e eficaz dos casos.

Igrejas continentais e práticas exemplares

No âmbito global, o documento observa que, embora algumas Igrejas nas Américas, Europa e Oceania mostrem um forte compromisso com as reparações, há uma "confiança excessiva" na compensação econômica, o que corre o risco de limitar uma "compreensão integral" do processo de cura. Além disso, muitas áreas da América Central e Latina, África e Ásia ainda carecem de recursos adequados para apoiar vítimas/sobreviventes. No entanto, práticas exemplares são destacadas, como: a prática tradicional de cura comunitária *Hu Louifi*, em Tonga; o relatório anual sobre serviços de apoio a vítimas nos Estados Unidos; os processos de revisão de diretrizes em andamento no Quênia, Maláui e Gana; e o projeto de busca da verdade "*A coragem de olhar*", na Diocese de Bolzano-Bressanone.

Cúria Romana e colaboração interdicasterial

A terceira seção do documento explora as responsabilidades da Cúria Romana em matéria de proteção, promovendo uma abordagem interdicasterial. O Relatório analisa especificamente a contribuição do Dicasterio para a Evangelização – Seção para a Primeira Evangelização e Novas Igrejas Particulares, que apoia as comunidades eclesiais locais em diversos territórios, supervisionando não apenas a administração geral, mas também as iniciativas de proteção. Esta Seção auxilia aproximadamente 1.200 circunscrições eclesiais e participou ativamente da elaboração do Relatório.

Ministérios sociais e tutela

A Seção 4 do documento analisa as diversas dimensões da Igreja na sociedade, destacando as iniciativas que promovem os direitos de menores e adultos vulneráveis. A edição deste ano apresenta uma metodologia piloto aplicada à associação laical *Obra de Maria – Movimento dos Focolares*. A Comissão acolhe com satisfação as reformas recentemente adotadas pelo Movimento, como a criação de uma Comissão central independente para a gestão de casos de abuso; uma política de informação sobre abuso sexual; e diretrizes para apoio e reparação financeira às vítimas.

A Iniciativa Memorare

A seção final do documento concentra-se nos progressos da *Iniciativa Memorare*: instituída pela Comissão em 2022, a iniciativa arrecadou fundos provenientes das conferências episcopais, ordens religiosas e fundações filantrópicas para apoiar Igrejas com menos recursos no Sul Global. Atualmente, existem 20 acordos em vigor para apoiar as *Iniciativas Memorare* locais em todo o mundo, e uma dúzia está em negociação. Entre as entidades envolvidas estão: Ruanda, Venezuela, Arquidiocese da Cidade do México (México), AMECEA – Associação dos Membros das Conferências Episcopais da África Oriental, Província Eclesiástica de Chubut (Argentina), Honduras, Uruguai, Haiti, Província Eclesiástica de Mombasa (Quênia), Província Eclesiástica de San Luis Potosí (México), Tonga, República Centro-Africana, Maláui, Província Eclesiástica do Paraná (Argentina), Paraguai, IMBISA – Encontro Inter-regional dos Bispos da África Austral, Panamá, Província Eclesiástica de Santa Fé (Argentina), Costa Rica e Zimbábue.

Fonte: Vatican News

-----.

Pizzaballa: uma nova linguagem e novas testemunhas para uma narrativa de paz

O cardeal patriarca Latino de Jerusalém, convidado da imprensa vaticana, falou sobre o momento histórico que a Terra Santa está vivendo, após o acordo entre Israel e Hamas, e declarou: "Temos um dever para com nossas comunidades, que é ajudá-las a olhar além, de forma positiva e serena, para um futuro diferente".

Andrea Tornielli e Beatrice Guarrera – Vatican News

A esperança de construir uma paz duradoura na Terra Santa, as dificuldades de Gaza e da Cisjordânia, o senso de comunidade nas manifestações de rua que uniram as pessoas em nome da dignidade humana. Esses são alguns dos pontos abordados pelo patriarca latino de Jerusalém, o cardeal Pierbattista Pizzaballa, convidado dessa quarta-feira (15/10), nos estúdios da Rádio Vaticano. O cardeal falou de uma trégua frágil, mas também do desejo comum de israelenses e palestinos, de que esta pausa não seja um “parêntese”, mas sim “que se possa recomeçar a viver com uma nova perspectiva que não seja a guerra e a violência”.

O senhor está em Roma para receber o prêmio Achille Silvestrini, entregue hoje ao padre Gabriel Romanelli, pároco da Sagrada Família em Gaza. Como está a situação dos cristãos daquela comunidade que decidiram permanecer naquela situação difícil?

Estamos em contato diário com eles. Eles sempre escrevem que ainda não acreditam de terem conseguido dormir à noite sem ouvir o som das bombas. Existem os drones, mas quanto a isso, eles estão acostumados há anos. Tirando isso, a situação ainda é muito instável. Houve, como se sabe, confrontos entre várias facções, mas tudo isso era previsível porque a suspensão da guerra – ainda não sabemos se é definitiva – e as fases sucessivas são ainda bastante indecisas, imprecisas e ambíguas. Tudo precisa ser construído, organizado e era – e é – previsível que haja altos e baixos. Há ainda muito para fazer. No entanto, a situação continua dramática porque tudo está destruído. Então, as pessoas estão retornando, mas retornando aos escombros. Os hospitais não funcionam, não há escolas. Existe ainda a questão dos corpos dos reféns israelenses mortos que devem ser recuperados. Não é simples também porque, especialmente, se perde a localização desses corpos em meio ao caos. A desconfiança é grande entre as duas partes. No entanto, além de tudo isso, há um novo clima que ainda é frágil, mas esperamos que seja estabilizado.

Como é possível neste contexto histórico, neste clima, construir a esperança e a fraternidade?

Precisa de tempo, em primeiro lugar. Não se deve confundir a esperança com uma solução do conflito, que não é imediata. O final da guerra não é o início da paz e não é o final do conflito. Todos esses aspectos devem ser considerados. Aqui, porém, é o primeiro passo. A esperança é, como digo sempre, a filha da fé. Se a sua alma tem fé, ela pode também realizar as coisas em que acredita. Então precisa, em primeiro lugar, trabalhar nisto com as pessoas que ainda querem voltar ao jogo e criar esta rede, seja dentro de Gaza ou fora de Gaza, porque não devemos separar os dois lados por fronteiras. E criar fraternidade. Penso que seja necessário uma nova liderança política, mas também religiosa. Acredito que seja muito importante. Já começamos a nos contatar. Precisamos de novos rostos, novas figuras que nos ajudem a reconstruir uma narrativa diferente, feita com respeito mútuo. Levará muito tempo porque as feridas são profundas, mas não devemos desistir. Portanto, há de qualquer forma, esperança de poder construir uma paz duradoura, mesmo que neste momento estejamos apenas dando os primeiros passos. Devemos acreditar nela, antes de tudo. Devemos desejá-la. Levará muito tempo, não devemos nos iludir que [a paz] chegará logo. E devemos ter em mente os fracassos dos acordos anteriores, os tantos fracassos que minaram seriamente a confiança entre as partes. Haverá diversas fases. Eu penso que, talvez, a próxima geração terá uma liberdade que hoje esta geração não tem. Mas a tarefa desta geração é preparar a próxima. Portanto, devemos criar, pouco a pouco, todas as condições, com novos rostos, lideranças e, sobretudo, criar contextos que, gradualmente, criem também uma cultura de respeito, que traga a paz.

Qual é a esperança concreta desta geração, das pessoas que vocês encontram cotidianamente em Jerusalém ou em outro lugar?

Neste momento estamos em uma nova fase, ainda frágil. Nós viemos de dois anos horríveis. E a esperança é que seja o fim destes dois anos em vez de um parêntese. Esse é um desejo comum de todos, israelense e palestinos, de direita ou de esquerda, de cima e de baixo. Em resumo, todos esperam que se possa verdadeiramente virar essa página. Esta é a primeira coisa. Depois, naturalmente, há opiniões

diferentes, sejam políticas, sejam religiosas. Há perspectivas também diferentes. Porém, há também um forte desejo comum nas pessoas de retomar a vida, não digo normalmente, mas com uma nova perspectiva que não seja a guerra e a violência.

Ouvimos nestes dias testemunhos dramáticos das condições com que prenderam os reféns de Hamas, que agora foram libertados. E ouvimos também relatos de degradação dos prisioneiros palestinos nos cárceres israelenses. O que se pode dizer sobre esta dor que, de certa forma, é transversal? E também se é possível construir um futuro que não comece pelo ódio?

É um dos dramas que vivenciamos neste período. Você disse “a dor transversal”, mas não foi percebido assim. Cada um se fechou na própria dor. Então cada um via apenas a própria dor, a própria perspectiva, a dor de seu próprio povo. E como outros também disseram: cada um estava totalmente cheio da própria dor, que não tinha espaço dentro de si para a dor do outro. Agora que esta situação acabou, talvez possamos aos poucos nos abrir para compreender também a dor do outro. Compreender não significa justificar. Levará tempo para tudo isso e não sei, ao menos, se conseguirá. O ódio que foi semeado, não só nestes dois anos em que explodiu – mas também antes havia uma narrativa do desprezo, da rejeição, da exclusão – requer uma nova linguagem, novas palavras que exigem também novas testemunhas. Não se pode separar o que é dito de quem o diz. Repito: precisamos de novos rostos, que nos ajudem a pensar de maneira diferente.

Qual é a situação na Cisjordânia, nas paróquias das pequenas aldeias, como por exemplo, Taybeh, Zababder ou Aboud? Neste momento, qual é o papel dos cristãos e dos católicos, como os católicos de língua hebraica que estão plenamente inseridos na sociedade israelense?

São duas questões muito diferentes. Nos territórios da Cisjordânia, a situação geral, não apenas nas comunidades de nossas paróquias católicas cristãs, está muito frágil e em contínua deterioração. As comunidades das pequenas aldeias citadas estão cada vez mais isoladas umas das outras: são centenas de postos de controle que regulam os movimentos internos, tornando a situação sempre mais difícil. Tornou-se, eu disse diversas vezes, em uma espécie de “No law land”, no sentido de “um território sem lei”, porque há muitos ataques e tensões também com os colonos que, porém, continuam assim, no sentido de que não temos uma autoridade a quem recorrer, para parar essas situações, que parecem, pelo contrário, consistentes. Isso cria grandes tensões e também muita insegurança em nossas paróquias e comunidades em geral. Na Cisjordânia, a situação continua muito frágil, não só do ponto de vista político, mas também econômico. Os dois grandes recursos, o deslocamento em Israel e as peregrinações, estão suspensos neste momento e não sabemos como e quando retomarão. Isso cria um impacto muito forte também sobre a vida das pessoas, sobretudo dos cristãos. A comunidade católica de expressão hebraica é composta de pequenas comunidades de poucas centenas de pessoas, que também acolheram centenas de crianças filhos de migrantes ou de trabalhadores estrangeiros em Israel. Acredito que o papel deles seja importante, especialmente dentro da Igreja, mais que fora da Igreja. Em certo sentido, eles forçam a nossa diocese, que é muito complexa, a pensar de maneira ampla, não se concentrando apenas sobre as questões palestinas, mas tendo em mente que também dentro da sociedade israelense há dor, há perspectivas, há visões diferentes que devem ser levadas em consideração.

Assistimos nas últimas semanas a uma mobilização popular, a manifestações, como aquelas que houve na Itália, onde milhares de pessoas foram às ruas. Além de grupos extremistas e de alguns slogans inaceitáveis, há jovens saindo às ruas demonstrando querer superar a lógica da indiferença...

Certamente houve excessos, seja de violência, mas também de linguagem contra o hebraico, por exemplo. Isto é inaceitável. Houve palavras ou declarações que poderiam justificar, de qualquer modo, o antissemitismo que nós rejeitamos totalmente, isso deve ser dito. Mas não podemos generalizar. Dizer que todos eram assim. Havia muitas pessoas, não só jovens. O que me impressionou é que havia milhares de pessoas de diversas origens e gerações, mas também de diferentes origens políticas que estavam unidas em dizer não às imagens de violência que assistiram. E este segundo é um aspecto positivo para mim, porque despertou uma consciência não só pessoal, mas também comunitária, porque estavam unidos. Nisso a comunidade foi criada. Acredito que seja um aspecto importante: de criar comunidade, de se unir em torno de algo belo como a dignidade da pessoa e a rejeição da violência, linhas vermelhas que não devem ser cruzadas também no exercício da legítima defesa. Isso foi um aspecto muito belo e positivo. Esperamos que continue. Acredito que seja uma conscientização

importante, também para os vários líderes religiosos e políticos ter em mente que há, dentro da consciência da comunidade, algo de belo que deve ser preservado e que, talvez, deve encontrar uma expressão até mesmo fora deste contexto de guerra.

Agora, voltando sempre para a Terra Santa. Vocês esperam um retorno dos peregrinos?

Esperamos que sim. Conversei com o Custódio da Terra Santa para fazer alguma coisa juntos, como emitir comunicados. Esperamos duas ou três semanas para entender um pouco como as coisas andarão. Depois, penso que devemos começar a “martelar”, de alguma forma, especialmente, as igrejas que estiveram muito perto da Terra Santa nesses dois anos. Para dizer, é tempo de expressar solidariedade não só por meio da oração, que é importantíssima, e da assistência, mas também por meio da peregrinação.

Neste ano completa 30 anos do assassinato de Rabin, um homem de paz. Qual a importância das novas lideranças se comprometerem com a paz? Há sinais positivos nesse sentido?

Eu acredito que seja um dos aspectos decisivos. Eu disse e repeti tantas vezes. Eu repito também aqui: precisamos de novos líderes que falem uma linguagem diferente daquela que ouvimos nestes últimos anos. Não só políticos, mas também religiosos. Há 30 anos, Rabin dizia uma coisa e os religiosos diziam outra. Agora é necessário mudar, é necessário se conscientizar disso. Neste contexto, o diálogo inter-religioso é muito importante. Também o diálogo inter-religioso, na minha opinião, precisa de novos rostos e não se pode ignorar aquilo que aconteceu, que nos feriu a todos. Precisamos considerar aquilo que aconteceu, aquilo que dissemos e não dissemos, não para parar por aí, mas para ir além, porque tomamos consciência. Precisamos seguir em frente, tendo em mente o que aconteceu, sem ser ingênuos demais. As dificuldades são tantas, entretando, temos um dever para com as nossas comunidades, que é justamente de ajudá-las a olhar além, de maneira positiva e serena para um futuro diferente.

O que você acha do debate internacional sobre o reconhecimento de um Estado palestino por várias partes?

Os palestinos não precisam somente do fim da guerra, do fim da violência, de ajuda e apoio financeiro. Precisam também que sua dignidade como povo seja reconhecida. Eu não sei se a solução tão falada, “dois povos, dois estados”, seja viável a curto prazo. Não entro nestas questões. Mas não pode dizer aos palestinos que eles não têm o direito de serem reconhecidos como um povo em sua casa. Houve declarações, que muito frequentemente permanecem no princípio, que devem encontrar sua concretização dentro do contexto do diálogo entre as partes, as quais certamente deverão encontrá-lo com a ajuda e o apoio da comunidade nacional.

Como vocês sentiram a proximidade do Papa durante esse período?

Do Papa Leão sentimos a proximidade. Sentimos a proximidade do Papa Francisco antes, depois também do Papa Leão, que têm duas personalidades diferentes, mas expressaram as suas proximidades de maneira muito concretas: com as chamadas por telefone, com contatos bastante frequentes com o pároco de Gaza que, no entanto, não chegam as notícias. E isso é bom. Isso também é importante, porque deve fazer algo para o bem de tudo, não para alimentar jornalistas. A proximidade foi expressa de maneira muito concreta, com ajudas concretas. Agora, o último gesto que recebemos, alguns dias atrás, é o desejo do papa de enviar milhares de antibióticos para a Faixa de Gaza.

Fonte: Vatican News

Padre Celestino Epalanga e Albino Pakisi lançam desafios à reconciliação em Angola

O Congresso Nacional da Reconciliação, que se realizará nos dias 6 e 7 de Novembro com a presença já confirmada do presidente da República João Lourenço é aguardado com grande expectativa já que o evento reveste-se de grande simbolismo espiritual, político e social que visa consolidar a paz e projectar uma nova cultura cívica no país.

Anastácio Sasembele – Luanda, Angola



Padre Celestino Epalanga e o analista político Albino Pakisi, Angola

A iniciativa pretende ir além da mera celebração histórica, focando-se num "exercício colectivo de exorcismo" social para curar as "feridas ainda abertas" na sociedade angolana, resultantes de décadas de conflito e polarização.

A confirmação da presença do Chefe de Estado angolano é vista pela Igreja Católica como um passo crucial para legitimar o Congresso como um fórum verdadeiramente nacional e transversal, capaz de gerar compromissos políticos efectivos. O evento deverá reunir cerca de 500 participantes, incluindo líderes religiosos, representantes da sociedade civil, partidos políticos e cidadãos de diversos sectores e tem uma ambição clara: promover uma reflexão profunda sobre o passado para moldar um futuro mais inclusivo e fraterno.

Reflexão histórica colectiva e sectorial

O evento servirá como um momento de "Introspecção" e "Escuta", com o propósito de incentivar uma reflexão nacional sobre o percurso histórico de Angola desde a independência, em 1975, e os 23 anos de paz efectiva. Esta análise será feita por categorias sociais e classes profissionais, permitindo que diferentes segmentos da sociedade (políticos, empresários, intelectuais, sociedade civil) possam assumir e discutir os erros e acertos que "desconfiguraram a nossa estrutura social, cultural e familiar".



Grupo de políticos angolanos que participam no debate sobre a reconciliação nacional

Transformação da linguagem política e cívica

Um dos objectivos mais enfáticos da CEAST é transformar a linguagem política e social do país, que muitas vezes é marcada pela rotulação, exclusão e discursos de ódio. Os bispos defendem que é preciso substituir a "política do militante" pela "política da cidadania", promovendo a inclusão e o bem-estar integral (emocional, psicológico, físico, social e cultural) de todos os angolanos.

Produção de uma Carta Nacional de Compromissos

O resultado mais tangível do Congresso será a elaboração de uma Carta Nacional de Compromissos. Este documento, que pretende congrega as lições aprendidas nos últimos 50 anos, deve definir os novos caminhos para o todo nacional, estabelecendo princípios éticos e cívicos que orientem a convivência pacífica, a justiça social e a solidariedade, servindo como uma base para um novo espírito de convivência em Angola.

O Congresso será encerrado com um culto ecuménico, simbolizando a unidade, diversidade e pluralidade de vozes que se unem em torno do projecto de uma Angola mais reconciliada.

Acompanhe a seguir as reflexões em torno dos desafios da reconciliação em Angola, nas vozes do Padre Celestino Epalanga, Secretário Geral da Comissão Episcopal de Justiça e Paz e Integridade da Criação da CEAST e membro da Comissão organizadora do Congresso e do analista político Albino Pakisi, numa moderação do Correspondente da Vatican News em Angola, Anastácio Sasembele.

Fonte: Vatican News

Bispos de Portugal reafirmam compromisso com «cultura de transparência e responsabilidade» no combate aos abusos

Conferência Episcopal fala em «mudança de paradigma», em resposta a recomendações apresentadas pela Comissão Pontifícia para a Proteção de Menores



A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) respondeu hoje às recomendações da Comissão Pontifícia para a Proteção de Menores (CPPM), do Vaticano, sublinhando o compromisso com uma “cultura de transparência e responsabilidade”, no combate aos abusos.

“Reafirmamos a nossa determinação em continuar a cuidar de uma Igreja onde nenhuma forma de abuso seja tolerada, num caminho que queremos prosseguir com todos os agentes pastorais, demais fiéis e com a sociedade em geral”, indica uma nota enviada à Agência ECCLESIA.

Os bispos reconhecem que “há ainda muito trabalho a fazer”, mas consideram “inegável a mudança de paradigma”.

“Há uma consciência nova e transversal de intolerância face ao abuso e de responsabilização daqueles que, tendo as crianças e adultos vulneráveis a seu cargo, não os protejam adequadamente”, sustentam.

A CPPM dedica um capítulo do seu relatório anual à atividade da CEP, deixando recomendações quanto a mecanismos de auditoria e à ação do Grupo VITA.

O documento, divulgado esta manhã, recomenda “o desenvolvimento e a implementação de um mecanismo de auditoria robusto”, que integre vítimas e sobreviventes no desenvolvimento de políticas.

“A Conferência Episcopal Portuguesa acolhe com atenção e espírito de comunhão o relatório anual sobre políticas e procedimentos da Igreja em matéria de proteção, referente ao ano 2024, publicado hoje pela Comissão Pontifícia para a Proteção de Menores, que apresenta desafios e orientações concretas sobre a ação da Igreja em Portugal neste âmbito”, indicam os bispos.

A nota da CEP fala num documento que “interpela a continuar o caminho de conversão exigente”, desenvolvido ao longo dos últimos anos, “de compromisso com a verdade e de melhoria dos procedimentos para implementar uma cultura de transparência e responsabilidade no acolhimento, prevenção, proteção e cuidado de crianças e pessoas vulneráveis”.

“A atenção permanente às vítimas tem-nos levado a um caminho de justiça e reparação e a Igreja em Portugal continua a aprender, mesmo nas suas fragilidades, a tornar-se cada vez mais segura e fiel à sua missão de cuidar e proteger”, indica o organismo episcopal.

Segundo a CEP, a metodologia implementada pela Igreja Católica em Portugal, através do Grupo VITA, das Comissões Diocesanas de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis e da sua Equipa de Coordenação Nacional tem “visado a identificação dos riscos e a definição de medidas de mitigação dos mesmos, também com o contributo do estudo inicial realizado pela Comissão Independente”.

“Neste contexto, tem assumido papel crucial a formação contínua dos profissionais envolvidos e a capacitação das crianças e adultos vulneráveis para dizerem ‘não’ e para denunciarem possíveis agressões”, acrescenta a nota.

Sublinhamos algumas iniciativas que têm vindo a ser concretizadas pela Conferência Episcopal sempre em articulação com a Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) e a Conferência dos Institutos Seculares em Portugal (CNISP), e que vão ao encontro do relatório agora publicado:

- criação de estruturas de denúncia a nível nacional e diocesano;
- estreita articulação com a sociedade civil, através do Ministério Público e da Polícia Judiciária;
- criação de centros de escuta para vítimas e sobreviventes;
- apoio espiritual, bem como apoio psicológico e psiquiátrico às vítimas assegurados por uma equipa de 70 profissionais selecionados através das respetivas Ordens Profissionais e com critérios de seleção que incluem a formação e experiência em trauma;
- reparação às vítimas de abusos sexuais no seio da Igreja Católica em Portugal, através de indemnizações financeiras e outros tipos de apoio;
- ações de sensibilização e capacitação das diversas estruturas eclesiais sobre políticas de proteção de ambientes de cuidado (conhecer a problemática, prevenir e agir), tendo sido atingidas mais de 4200 pessoas;
- criação de programas de prevenção primária ou universal da violência sexual no contexto da Igreja Católica em Portugal.

Conferência Episcopal Portuguesa

A CEP regista as sugestões deste relatório, que decorre da visita ‘ad Limina’ dos bispos de Portugal em maio de 2024, “em ordem à sua implementação, estando muitas delas já em curso e outras em elaboração para apresentação pública em breve”.

Fonte: Agência Ecclesia

Proteção de Menores: Comissão do Vaticano deixa recomendações à Conferência Episcopal Portuguesa

16 Outubro, 2025 10:31

Novo relatório defende desenvolvimento e implementação de «mecanismo de auditoria robusto» e mandato «forte» para Grupo VITA



IV Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Proteção de Menores (imagem de arquivo)
Foto Agência ECCLESIA/MC

A Comissão Pontifícia para a Proteção dos Menores (CPPM), do Vaticano, dedica um capítulo do seu relatório anual à atividade da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), deixando recomendações quanto a mecanismos de auditoria e à ação do Grupo VITA.

O documento, divulgado hoje, recomenda “o desenvolvimento e a implementação de um mecanismo de auditoria robusto”, que integre vítimas e sobreviventes no desenvolvimento de políticas.

Os responsáveis da CPPM apelam a “uma recolha robusta de dados por parte das comissões diocesanas para promover uma cultura de transparência e a responsabilidade baseada em dados”.

A Comissão recomenda que o Grupo VITA tenha “um mandato forte e claro” da CEP para “promover uma formação robusta em matéria de proteção em todas as dioceses”.

O relatório enfatiza as medidas positivas adotadas em Portugal, como a criação de comissões diocesanas com leigos capacitados, a divulgação acessível dos canais de denúncia, a criação de programas de formação e sensibilização ou o trabalho no “acompanhamento das reparações dos danos causados às vítimas e sobreviventes de abuso sexual”.

Durante o ano de 2022, a CEP pediu um estudo sobre casos de abuso sexual na Igreja em Portugal nos últimos 70 anos a uma Comissão Independente, que validou 512 testemunhos relativos a situações de abuso, que seria apresentado em fevereiro de 2023.

A 22 de maio de 2023, a Conferência Episcopal Portuguesa criou o Grupo VITA para acolher denúncias de abuso, trabalhar na prevenção e acompanhar vítimas e agressores.

A CPPM convida os bispos portugueses a “facilitar o acesso” ao relatório final da Comissão Independente e a esclarecer o modelo de cooperação da CEP com as conferências de Institutos Religiosos e Institutos Seculares.

O organismo do Vaticano lamenta ainda “a falta de resposta ao seu questionário quinquenal específico de proteção, enviado aos bispos antes da sua visita ad limina”, em 2024.

O relatório defende “clareza” para a avaliação dos trabalhos do Grupo VITA e às garantias da sua sustentabilidade.

A CPPM observa, por outro lado, “uma falta de clareza no que diz respeito a quem é responsável pela sensibilização da Igreja local sobre as diretrizes nacionais de proteção”.

O relatório anual apresenta políticas e procedimentos adotados pela Igreja Católica para a proteção de crianças, adolescentes e adultos vulneráveis no ano de 2024, a nível global.

Esta comissão foi criada pelo Papa Francisco em 2014 e, desde 2022, integra o organograma da Cúria Romana, ligada ao Dicastério para a Doutrina da Fé.

Fonte: Agência Ecclesia

Igreja: Roma acolhe Congresso Mundial sobre turismo como «porta da evangelização»

16 Outubro, 2025 18:04

Portugal marca presença em evento promovido pelo Vaticano e Conferência Episcopal Italiana



O IX Congresso Mundial do Turismo, promovido pelo Vaticano e Conferência Episcopal Italiana, começou hoje em Roma, abordando os desafios que o setor levanta à ação da Igreja Católica.

‘Turismo, porta da evangelização’ é o tema do evento, que reúne representantes de vários países, incluindo Portugal, até ao próximo sábado para refletir sobre o papel do turismo religioso como instrumento de evangelização e de promoção humana.

O encontro, incluído no calendário do Jubileu é organizado pelo Dicastério para a Evangelização (Santa Sé) e o Secretariado Nacional para a Pastoral do Tempo Livre, Turismo e Desporto da Conferência Episcopal Italiana.

A delegação portuguesa, de quatro pessoas, é liderada Miguel Neto, diretor da Pastoral do Turismo – Portugal; em Roma estão ainda representantes da equipa diocesana de Coimbra.

Na abertura dos trabalhos, o padre Michele Gianola, subsecretário da Conferência Episcopal Italiana e diretor interino do Secretariado Nacional para a Pastoral do Tempo Livre, Turismo e Desporto, sublinhou que “a comunidade se constrói através das relações”, defendendo um modelo de “turismo convivial”, que cria laços entre pessoas e comunidades locais.

“Todos nós somos protagonistas deste congresso”, afirmou, agradecendo a presença dos participantes vindos “de lugares muito distantes”.

D. Rino Fisichella, pro-prefeito do Dicastério para a Evangelização, sublinhou que o turismo deve “apontar sempre para a evangelização”, através da beleza e da arte.

Entre os conferencistas estão a diretora dos Museus Vaticanos, Barbara Jatta, e o arcebispo Giovanni Cesare Pagazzi, arquivista e bibliotecário da Santa Igreja Romana.

O programa inclui intervenções de especialistas de várias universidades, sobre temas como a teologia do descanso, a arte como via de anúncio do Evangelho, a antropologia do turismo e os desafios da inteligência artificial na pastoral contemporânea.

No sábado, os participantes realizaram uma peregrinação jubilar à Basílica de São Pedro, com passagem pela Porta Santa.

Na sessão conclusiva, a investigadora Debora Tonelli abordará o tema “Turismo e convívio”, propondo o turismo religioso como espaço de encontro e diálogo entre culturas.

Fonte: Agência Ecclesia

Academia Brasileira de Hagiologia apresenta Santos como modelos de esperança

Instituição promove terceira edição de congresso nacional que este ano seguirá o tema ‘Peregrinos de Esperança, com os teus Santos’.



Entre os dias 30 de outubro a 1º de novembro, a Academia Brasileira de Hagiologia (ABRHAGI) realizará a terceira edição do Congresso Brasileiro de Hagiologia. O evento deste ano, que acontece em sintonia com o Jubileu, seguirá o tema ‘Peregrinos de Esperança, com os teus Santos’.

A iniciativa, que será totalmente online e gratuita, contará com palestras sobre a vida dos Santos, que serão apresentados como modelos de esperança. Dentre os palestrantes estarão 15 religiosos (10 membros de congregações, quatro sacerdotes diocesanos e um padre do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras) e sete leigos, com diversas áreas de formação.

O significado da santidade e o papel dos Santos na Igreja

“Queremos oferecer aprofundamento acadêmico e reflexão sobre a vida e o significado da santidade e o papel dos Santos na Igreja e na sociedade”, explicou o coordenador-geral do evento e presidente da ABRHAGI, Diácono André Santos, OSB. “Cada tema será abordado por um diferente ponto de vista, pelas mais variadas realidades sociais e eclesiais, enriquecendo a reflexão, mostrando a pluralidade e unidade do assunto”, destacou.

A escolha do tema deste Congresso está diretamente ligada ao contexto do Jubileu de 2025 da Igreja Católica, proclamado pelo Papa Francisco com o mote ‘Peregrinos de Esperança’, ao mesmo tempo que se interliga com o lema da Academia Brasileira de Hagiologia: ‘Com os teus Santos’. “As discussões giram em torno de como a vida dos santos oferece esperança e orienta a caminhada cristã”, ressaltou o Diácono.

Programação do III Congresso Brasileiro de Hagiologia

O evento será iniciado no dia 30 de outubro com atividades que recordam a história da Academia, que completa 20 anos de fundação. Na tarde desta mesma data, serão ministradas palestras apresentando a ação dos Santos na sociedade. Já na parte da noite, será detalhado todo o processo realizado durante a canonização de um Santo.

Já a manhã do dia 31, será dedicada aos Santos jovens. No período da tarde as apresentações terão como foco os exemplos de santidade brasileiros e franceses. Ainda neste dia, será apresentada uma figura pouco conhecida do público, o postulador, profissional responsável pela condução de um processo de Canonização.

Por fim, no último dia de atividades, 1º de novembro, se recordará o centenário da canonização de Santa Teresinha do Menino Jesus, além de personagens com fama de santidade, como testemunhas atuais de esperança. Segundo o presidente da Academia, “a programação foi pensada dentro da realidade atual da Igreja, com ênfase nos últimos eventos relativos às causas dos Santos”.

Evento online com inscrições gratuitas

Os interessados em participar do III Congresso Brasileiro de Hagiologia devem se inscrever gratuitamente, até o final de outubro, no site abrhagi.eventosanto.com.br. Os participantes cadastrados poderão interagir com os palestrantes durante as apresentações e receberão um certificado ao término do evento.

“Pode participar toda e qualquer pessoa interessada em reflexão, pesquisa e aprofundamento sobre a vida dos santos, a santidade e as causas dos santos. O evento é acessível a todos, sem custos, e pode ser acompanhado de qualquer lugar por meio da internet”, destaca o presidente da ABRHAGI. (EPC)

Fonte: Gaudium Press

Leão XIV recebe movimentos populares no Vaticano pela primeira vez



Padre Mattia Ferrari, capelão da ONG de resgate de migrantes Mediterranea, com o cardeal Michael Czerny. | Daniel Ibañez/EWTN

Por Victoria Cardiel

O papa Leão XIV receberá pela primeira vez cerca de 130 delegados de movimentos populares, acompanhados por representantes de Igrejas locais, em 23 de outubro.

Esses grupos vão ao Vaticano com um "mandato oficial" para que as Igrejas locais os acompanhem, disse o padre Mattia Ferrari, coordenador do Encontro Mundial dos Movimentos Populares (EMMP), em entrevista coletiva no Vaticano.

Os movimentos populares têm um comitê junto ao Dicastério do Desenvolvimento Humano Integral, por meio do qual se articulam com a Santa Sé. O comitê inclui Ayala Dias, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), do Brasil; Alejandro Gramajo, da União dos Trabalhadores da Economia Popular (UTEP), da Argentina; e Charo Castelló, da Irmandade dos Trabalhadores da Ação Católica da Espanha.

"As delegações que representam os movimentos populares de todo o mundo serão acompanhadas por delegações das igrejas locais, com mandato oficial", disse o padre Ferrari na apresentação do V Encontro dos Movimentos Populares, de 21 a 24 de outubro, e da peregrinação jubilar, parte do Ano Santo, de 25 a 26 de outubro. "Assim, elas também estarão presentes na audiência com o papa Leão XIV, sinal da Igreja sinodal que constrói pontes e da Igreja missionária que alcança as periferias".

Ferrari disse que era "o sonho do papa Francisco que a Igreja os acompanhasse".

“É um sonho que ele nos confiou, e estamos felizes em confiá-lo ao papa Leão XIV”, enfatizou o padre. “É um sinal de uma Igreja sinodal que constrói pontes e de uma Igreja missionária que alcança as periferias, exatamente como o Santo Padre descreveu em seu primeiro discurso”.

Os encontros com os movimentos populares foram iniciados pelo papa argentino em 2014. Os primeiros dez anos, disse o padre Ferrari, "tiveram como objetivo ajudar os movimentos populares a serem reconhecidos pelas instituições, pela sociedade e pela própria Igreja como sujeitos e protagonistas da história, ao lado de outros atores sociais".

Nos quatro encontros mundiais anteriores — em 2014, 2015, 2021 e no ano passado — Francisco falou sobre “a importância dos movimentos populares e o significado de sua relação com a Igreja”, e essas contribuições foram “recolhidas na encíclica *Fratelli tutti*”, disse o sacerdote.

O quinto encontro será "mais uma etapa de um processo iniciado em muitas partes do mundo, onde movimentos sociais formados por excluídos, que se organizam para lutar por moradia, trabalho, terra e comida, e para construir solidariedade e fraternidade, começaram a caminhar ao lado da Igreja", disse o padre italiano, que também é pároco da ONG Mediterranea Saving Humans, dedicada ao resgate de migrantes no mar Mediterrâneo.

O padre Ferrari enfatizou que, no contexto atual de crescente injustiça, os movimentos populares e a Igreja "representam a esperança de um outro mundo possível, baseado não no individualismo, mas na justiça, na solidariedade e na fraternidade".

"Hoje, os movimentos populares são especialmente chamados a promover relacionamentos entre si, com outros atores sociais e com as Igrejas locais", disse ele.

O coordenador do EMMP falou da importância do primeiro documento do papa Leão XIV, *Dilexi te*, que "nos lembra que o amor da Igreja pelos pobres continua a brilhar como um farol de esperança num mundo em chamas".

"É justamente por esse amor que os movimentos populares caminham com a Igreja", disse o padre Ferrari.

Também participou da entrevista coletiva no Vaticano o prefeito do Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, cardeal Michael Czerny, que lamentou que, atualmente, entre 78% e 85% da população mundial viva com menos de US\$ 20 dólares (cerca de R\$ 108) por dia.

"Até agora, muitos esforços de desenvolvimento fracassaram, porque mesmo especialistas altamente qualificados parecem pensar que o desenvolvimento pode ocorrer sem a participação direta dos pobres", disse o cardeal. “Se a grande maioria for impedida de se desenvolver adequadamente, nenhum dos principais problemas do planeta terá qualquer esperança de solução”.

Czerny também destacou o papel das lideranças populares: “Elas sabem que solidariedade também significa combater as causas estruturais da pobreza e da desigualdade: a falta de emprego, terra e moradia; e a negação de direitos sociais e trabalhistas. A solidariedade, entendida em seu sentido mais profundo, é um modo de fazer história, e é isso que os movimentos populares estão fazendo”.

Para Czerny, a Igreja deve reconhecer os pobres não como objetos de caridade, mas como indivíduos capazes de contribuir para a sociedade: "Sua experiência de pobreza lhes permite reconhecer aspectos da realidade que os outros não conseguem ver; portanto, a sociedade e a Igreja precisam ouvi-los".

"É necessário revitalizar as estruturas governamentais locais, nacionais e internacionais com essa torrente de energia moral que vem da inclusão dos excluídos na construção de um destino comum", disse Czerny.

O encontro acontecerá de 21 a 24 de outubro em Roma, num grande espaço ocupado conhecido como "SpinTime". Enquanto a audiência com o papa Leão XIV ocorrerá na Aula Paulo VI, no Vaticano, em 23 de outubro, o papa também celebrará uma missa para esse evento em 26 de outubro.

Fonte: ACIDigital

-----.

Leão XIV nomeia cardeal Cupich para comissão do Estado da Cidade do Vaticano



O papa Leão XIV recebe o arcebispo de Chicago, cardeal Blase Cupich, no Vaticano, em 9 de outubro de 2025 | Vatican Media

Por Daniel Payne

O papa Leão XIV nomeou o arcebispo de Chicago, cardeal Blase Cupich, para a Pontifícia Comissão para o Estado da Cidade do Vaticano, disse ontem (15) a Santa Sé. A comissão funciona como órgão legislativo da Cidade do Vaticano.

O cardeal envolveu-se em uma controvérsia com outros bispos americanos recentemente ao nomear o senador democrata Richard Durbin para um prêmio católico, apesar da atuação pró-aborto do senador. O prêmio era pela atuação de Durbin no atendimento a migrantes nos EUA.

O papa Leão XIV comentou a controvérsia dizendo que quem é contra o aborto mas é a favor da pena de morte ou contra migrantes não é pró-vida.

Diante da controvérsia, Durbin recusou o prêmio.

Governo do Vaticano

Além de gerenciar as muitas funções e atividades do governo da Cidade do Vaticano — como segurança e ordem pública, saúde pública e meio ambiente, atividades econômicas, serviços postais e alfandegários e várias outras preocupações internas — a comissão também supervisiona o complexo artístico dos Museus do Vaticano e seus ativos.

As leis propostas pela comissão devem ser aprovadas pelo papa.

A Santa Sé disse que Leão XIV também nomeou para a comissão o vigário-geral de Roma, cardeal Baldassare Reina.

Ontem, o papa confirmou também a composição atual da comissão para o mandato atual.

A presidente da comissão é irmã Raffaella Petrini, FSE, primeira mulher a ocupar o cargo, nomeada pelo papa Francisco no início do ano.

Fonte: ACIDigital
